

Painel do Mês da Herança Hispânica do PNB Transcrição em Português

[conversa em segundo plano]

Monica Rojas-Stewart: Ah. Tudo bem. Acho que estou no comando. Boa tarde.

[idioma estrangeiro]

Monica: Muito obrigado por estarem aqui. Quero agradecer especialmente ao comitê de inclusão, diversidade, equidade e aquisição [sic] do Pacific Northwest Ballet por organizar este evento e nos convidar para estar aqui e compartilhar nossa experiência. A sensação é de estarmos tão distantes nestes tempos em que precisamos de conexão. Gostaria que vocês estivessem perto e que estivéssemos todos juntos... Como não somos muitos, talvez possamos conversar no final. Mas sim. Então, meu nome é Monica Rojas-Stewart. Sou imigrante como muitos de nós aqui presentes. Vim do Peru há vários anos para estudar. Vim como estudante internacional, conheci meu marido, me casei, tive filhos e acabei ficando por aqui. E

Monica: Eu deveria me apresentar formalmente. Então, vou começar explicando que sou mãe. Sou mãe, esposa e artista comunitária. Estou envolvida com artes comunitárias, educação artística, artes e ativismo há vários anos. Acho que esse é o motivo pelo qual fui convidada. Mais uma vez, obrigada por me convidar. E há vários anos... Quando vim para o noroeste do Pacífico, percebi que muitas pessoas não faziam ideia de que havia peruanos afrodescendentes. E eu já estava envolvido na comunidade afro-peruana há vários anos antes de vir para o noroeste do Pacífico. Então, decidi lançar um projeto chamado DE CAJÓN Project em 2009. Desde então, tenho feito muitas atividades de educação artística com peruanos afrodescendentes e depois expandi e criei uma organização sem fins lucrativos chamada Movimiento Afrolatino Seattle.

Monica: Reunindo e ativando várias comunidades de migrantes que praticam e educam sobre latinos afrodescendentes em outras partes da América Latina. Sou uma antropóloga cultural. Foi isso que vim estudar. Sou antropóloga cultural, me formei na UW em 2007 e atualmente ocupo vários cargos na Universidade de Washington. Sou diretora assistente do Programa de Estudos Africanos e também do programa de Estudos Latino-Americanos e Caribenhos na Jackson School of International Studies e professora em tempo parcial no Departamento de Dança.
[aplausos] Ando muito ocupada, muito ocupada, muito muito ocupada, então essa sou eu. E agora gostaria de convidar nossos maravilhosos e incríveis palestrantes de hoje para se apresentarem por alguns minutos e, então, poderemos iniciar nossa conversa. Pois bem...

Jonathan Batista: Sou o próximo? Certo. Olá, meu nome é Jonathan

Batista. Sou dançarino principal do... Oh, meu Deus, do Pacific Northwest Ballet. E sou do Brasil. Sou do Rio de Janeiro, Brasil. E eu diria que sou um homem da comunidade. Sou o cara que gosta de conectar pessoas e construir pontes e acredito que uma das coisas mais importantes para mim é contar histórias e destacá-las, porque é isso que une e aproxima as pessoas. Hoje estou um pouco nervoso, não sei bem o porquê. Tipo, eu acabei de dançar. Cresci no Rio e ganhei uma bolsa de estudos para o Trinity College, onde me formei em dança no Trinity College, em Londres, no Reino Unido. Depois de me formar, mudei-me para Miami para dançar com o Miami City Ballet. Também dancei em Toronto, Canadá, Boston, Miami, Cincinnati, Milwaukee, Oklahoma City. E estou aqui com o Pacific Northwest Ballet em Seattle. Este é o meu lar e sou muito grato por essa oportunidade, e também pela oportunidade de servir no comitê da I.D.E.A., o que tem sido ótimo para servir com a Sarah, que é outra bailarina da equipe. E é, acho que isso é... Vou deixá-los aqui por enquanto e falarei mais depois. Estou um pouco nervoso. Não sei o motivo.

[idioma estrangeiro]

Albina Cabrera: Meu nome é Albina Cabrera. Trabalho na KEXP. Sou apresentadora e radialista... Sou tipo uma jornalista musical. Também estou nervosa. Não sei por quê. É meu trabalho falar ao microfone, e agora estou muito nervosa. Mas eu sou de Mendoza, Argentina. Mendoza é a fronteira entre o Chile e a Argentina. E trabalho no rádio desde os 15 anos de idade. Sempre cobrindo música independente. Especificamente a música de... Bueno, no início, de Mendoza. Depois expandi quando comecei a trabalhar na Agência Nacional de Notícias da Argentina. Quando me mudei para Buenos Aires, passei 12 anos trabalhando especificamente no cenário da música underground, no cenário da música underground latino-americana, e tentando sempre promover a ideia de que a música latina ou os artistas latinos... Devem tocar um estilo musical específico apenas para expandir a ideia do que o latino-americano pode tocar e construir com nosso próprio repertório.

Albina: E desde o início de 2000, tornei-me fã da KEXP. Não sei se você conhece, é uma estação de rádio com sede em Seattle, uma organização com 50 anos de existência. Eu me tornei fã da KEXP porque ela é muito famosa na Argentina e na América Latina. Por isso, me candidatei a estagiária. Vim para cá há cinco anos para trabalhar na expansão do conteúdo bilíngue e como radialista do El Sonido, que é meu programa todas as segundas-feiras à noite. E então eles me contrataram e eu finalmente me mudei para cá há três anos. Não sabia nada de inglês. Ainda estou aprendendo. Portanto, muito obrigado por sua paciência, e essa sou eu. Fui sua DJ hoje cedo e essa é a maneira que tenho de me conectar com as pessoas por meio da música. Espero que gostem. Gracias, sim.

Luna Garcia: Olá a todos. Meu nome é Luna Garcia. Nasci aqui em Seattle [risos], meus pais são de Chicago, vindos do México. Meus pais decidiram nos criar aqui em Seattle. Nos anos 80 e 90, Seattle era muito menos diversificada. Quando eu tinha sete anos de idade, fomos a um festival, um festival comunitário, e vi Joyas Mestizas dançando e implorei à minha mãe que me levasse, e ela o fez. Assim, eu e

minha família crescemos dançando nas Joyas Mestizas. Minha mãe costurava muitas das fantasias. Quando fiquei mais velha, entrei para o Bailadores de Bronce, que é como se fosse um tipo de, sei lá, mãe do nosso grupo. Uma das Joyas Mestizas foi criada porque os pais desse grupo, dos Bailadores de Bronce, queriam que seus filhos e jovens aprendessem e se enraizassem na cultura.

Luna: E eles perguntaram a Alberto Ortiz, que foi meu primeiro professor. E como ele era muito gentil e generoso com seu tempo e talentos, pude participar de um grupo gratuitamente. Não custou nada. Foi apenas pelo poder da comunidade, das mães e dos pais. Para ser sincera, é assim que o nosso grupo é administrado atualmente [risos]. Assim, pude crescer nessa comunidade muito bonita, o que é muito importante porque [0:09:04.3] minha família estava no México ou em Chicago. Assim, Joyas Mestizas se tornou uma âncora cultural para mim. Tornou-se a forma como eu estava enraizada, quem eu era e quem eu sou. E tive muita sorte de poder continuar dançando com os Bailadores de Bronce. Uma pequena observação sobre o Bronce: eles foram criados nos anos 70. Eles são um dos grupos mais antigos de todos os tempos. Começaram nos anos 70 com o movimento chicano da UW. E ainda estou dançando com eles. Falando em termos pessoais, devo dizer que a universidade me deu quase tudo o que eu amo: Minha família, conheci meu marido lá, meu cunhado é o diretor, minha cunhada é a diretora artística, tenho minha sobrinha dançando lá. É onde minha família está.

Luna: Desculpem [aplausos], também estou muito nervosa [risos]. Então, quando eu tinha cerca de 23 ou 22 anos de idade, meus irmãos ainda estavam dançando e minha mãe estava envolvida, e houve uma transição e eles não tinham um professor. Alguns dos professores precisavam sair. Então, minha mãe me disse de forma voluntária: “Bem, a Luna vai dar aula”. E eu disse: “Está bem.” E pensei: “Tudo bem, vou ajudar um pouco”. E no final éramos três. Laura Contreras, DeLeana Guerrero e eu, todas nós crescemos dançando juntas. As mães delas são minhas madrinhas. É por isso que somos tão próximas. É isso. E agora, por cerca de 30 anos, praticamos no South Park Community Center. Com a COVID, fechamos um pouco e depois encontramos um espaço maior em Burién.

Luna: Temos muita sorte de ter esse espaço. O aluguel subiu um pouco e isso é sempre uma preocupação, mas vamos fazer a coisa andar. E agora, como temos esse espaço, podemos expandir. Meus filhos adolescentes mais velhos estão ensinando nossos filhos de quatro a seis anos, o que sempre foi um sonho para mim. E também é possível ser um espaço comunitário para outros grupos. Porque encontrar um espaço para acomodar nossos sapatos é sempre uma luta. Sim. Então, no momento, eu sou dançarina da Bronce, sou professora da Joyas, tenho um marido em algum lugar e irmãs, e essa é quem eu sou.

Monica: Incrível.

[aplausos]

Sarah-Gabrielle Ryan: Olá, meu nome é Sarah-Gabrielle Ryan. Também estou tão nervosa que escrevi meu nome na minha primeira anotação, caso eu me esquecesse. Sou bailarina do Pacific Northwest Ballet. Estou aqui há cerca de oito temporadas. Sou originalmente da Filadélfia. Minha mãe é de Puebla, México, e meu pai viveu seus primeiros anos em Mérida, México, antes de sua família se mudar para Succotz, Belize. Portanto, cresci em uma família latino-americana muito forte. E eu adoro encontrar maneiras de conectar nossa cultura a essa forma de arte. O balé é uma forma de arte muito eurocêntrica, por isso tento encontrar todas as maneiras possíveis. Este é um ótimo exemplo com o nosso comitê I.D.E.A., reunindo tudo isso e defendendo os dançarinos latino-americanos e as histórias latino-americanas a serem contadas em nossa forma de arte. E compartilhar minhas próprias experiências tem sido muito importante para mim, não apenas como dançarina. Eu também... Há alguns anos, apresentei um trabalho na Universidade de Seattle sobre a história da imigração de meus pais, como filha de imigrantes. E, sim, encontrar qualquer maneira de iluminar nossa comunidade é muito importante para mim. Estou muito animada por fazer parte disso.

Monica: Muchas gracias, muito obrigada. Não estou nervosa. Que beleza. Há imigrantes de primeira geração, segunda geração, terceira geração aqui. É incrível. É lindo. Vou contar um pouco de uma anedota para enquadrar a conversa... Este painel é sobre pertencimento e como a música e a dança são uma forma de nos mantermos conectados. Eu, um dia... Há pouco compartilhei um pouco sobre mim.

Monica: Vim como estudante internacional com meu passaporte peruano para estudar e, ao longo do caminho, casei-me, tive filhos, comprei uma casa, tornei-me cidadão. E uma manhã, literalmente uma manhã, acordei e percebi que não voltaria para o Peru. E foi como um balde de água fria. Eu vinha negando isso durante todo o processo. Então, um dia, acordei e percebi que não voltaria.

Monica: Entrei em crise porque eu estava muito envolvida artisticamente, mas também no ativismo no Peru, com a comunidade negra, ao longo da costa do Peru, envolvida com etnomusicólogos de lá. E meu objetivo era ir estudar e voltar, e as pessoas estavam me esperando lá por causa de... Eu estava, mais uma vez, já envolvida e não voltaria. Por isso, tive de encontrar uma maneira de sobreviver emocionalmente, mas também uma maneira de adaptar minha alma.

Monica: E foi assim que eu... Fui muito inspirada por uma palavra que encontrei e que... Estava relacionada à General Motors ou algo do gênero. Não tinha nada a ver, mas a palavra era "glocal", tipo, "global e local". Peguei essa palavra e, de alguma forma, disse a mim mesmo que o que eu estava fazendo era local e glocal.

Monica: E também li um filósofo vietnamita, Thích Nhất Hạnh, talvez alguns de vocês já tenham ouvido falar dele. E li algo sobre a dimensão suprema em que você pode estar no presente e, ao estar no presente, você está no passado e no futuro. E eu passei por essa viagem, de alguma forma fazendo com que fosse bom para mim estar fisicamente tão longe e pensando em como eu poderia criar atividades ou como eu

poderia agir de forma a ainda estar no Peru. Então eu disse a mim mesma...

Monica: “Estou em Seattle, Seattle está conectada a Washington, Washington ao Oregon, Oregon à Califórnia”. E se você continuar indo para o sul, eventualmente chegarei ao Peru. Então, estou no Peru, sou como um braço que se estende e posso continuar fazendo o trabalho que estava fazendo lá, mas aqui, e ainda estarei lá.

Monica: E através desse processo... Foi assim que lancei o Projeto DE CAJÓN. DE CAJÓN é uma expressão bem peruana que significa faça chuva ou faça sol sabe? É como dizer: “Ah, você vai ao painel de discussão da PNB?” E: “Ah, DE CAJÓN significa faça chuva ou faça sol, eu estarei lá”. Então, essa foi uma maneira de reafirmar que eu estava comprometida com o trabalho, certo? Assim, o Projeto DE CAJÓN tornou-se minha plataforma para estar no Peru, para fazer o Peru aqui. E, por meio desse projeto, consegui trazer muitos artistas.

Monica: Alguns de vocês se envolveram com artistas que eu trouxe do Peru. E essa foi minha maneira de permanecer conectada ao Peru. Mais tarde, expandi para ajudar outras comunidades a também criar uma plataforma para que elas permanecessem conectadas, certo?

Monica: E foi assim que lançamos o Movimiento Afrolatino Seattle. Essa é uma organização que deu vida a muita coisa e expandiu a presença do ativismo afro-latino aqui no estado de Washington, entre todos os lugares. Então, essa é a minha história, mas o painel não é sobre mim. Eu só queria contar a minha história para mostrar a importância da arte e como ela é uma ferramenta poderosa. A música, a dança, é uma ferramenta poderosa para sobrevivermos em lugares tão distantes.

Monica: E muitas vezes queremos nos reconectar porque fomos desconectados por qualquer motivo. Alguns de nós migraram por vontade própria, outros não necessariamente por vontade própria. Então, como podemos nos manter conectados? Como nos mantemos conectados? Então, essa é a pergunta. Então, vou lançar a pergunta para os participantes do painel: o que é significativo para vocês compartilharem hoje aqui sobre o trabalho que fazem e têm feito por meio da música ou da dança, ou de ambos, para manter um senso de pertencimento e permanecer conectados às suas raízes aqui no noroeste do Pacífico? Essa é a pergunta. E cada um de vocês tem cerca de cinco minutos para responder. Então, quem gostaria de começar?

[conversa sobreposta]

Jonathan: Você, vá em frente.pior

Albina: Ok [risada] Vou começar. Está bem. É... Acho que esse ainda é um processo para mim, como a Monica mencionou, bem, não, sou uma imigrante e estamos aqui com a primeira, segunda e terceira gerações, e isso é exatamente um

exemplo de como cada cultura pode ser complexa. E acho que o processo de me mudar para cá sem inglês, só porque tive a oportunidade de trabalhar na minha paixão, não tive a chance de pensar em como seria me tornar um imigrante. E a única maneira que encontrei de me conectar com as pessoas aqui foi por meio da música, meu superpoder, em espanhol, mas não em inglês. Então, meu superpoder, que era minha voz no microfone e a maneira de expressar minhas ideias, um dia desapareceu. E era muito difícil para mim me conectar em inglês...

Albina: E acho que é algo muito parecido com a diáspora em termos de inglês... Espanhol, desculpe. Então, comecei a criar essa ideia de conexão por meio da música. É claro que trabalho em uma rádio e vim para cá para trabalhar com a KEXP, que é muito famosa em minha cultura, na América Latina. Mas percebi que o que eu estava tentando conectar com a comunidade latina aqui, nem todas as pessoas sabem sobre o El Sonido ou a KEXP ou sobre esse fato que estou compartilhando com todos vocês. Então, tive duas ideias. Primeiro, as pessoas ainda estão migrando. As pessoas ainda estão se mudando. Tenho 35 anos de idade. Sou uma mulher solteira e acabei de me mudar para tentar encontrar melhores opções. Por outro lado, acho que ainda temos muito trabalho a fazer para tentar fechar essa lacuna que temos em nossas comunidades, especificamente aqui, onde é muito difícil ver pessoas como nós em lugares como este.

Albina: Então, esse é um esforço muito grande e é um trabalho diário que temos de fazer. Por isso, sou muito grata por estar nesse tipo de painel com pessoas como vocês, por estarmos abertos a diferentes perspectivas. Então, na KEXP, começamos o primeiro podcast em espanhol que basicamente é a história de como eu, não eu especificamente, mas com outros artistas, nos tornamos imigrantes. Esse podcast se chama El Sonido. É o primeiro podcast em espanhol e também em inglês que você pode encontrar nos canais do YouTube da KEXP. Chama-se Cancioneros, que significa livros de canções, e basicamente é a história do que acontece quando seus livros de canções pessoais desaparecem. Quando a música que estava com você literalmente muda. É um pouco sobre minha história pessoal, mas foi a maneira que encontrei de me conectar com outras pessoas, com as perspectivas de outras pessoas, com as histórias de migração de outras pessoas, que são sempre tão complexas, e especificamente para tentar construir uma ideia diferente do que significa latinidade. Muitas vezes eu estava conversando aqui e me diziam: “Ah, você não parece argentina”. “Ah, mas a Argentina é parte do Brasil ou parte da Europa ou... Ah, é verdade? Então vocês têm tipo punk rock lá?”

Albina: “Uau.” E tantos reducionismos em torno de nossa cultura, mas, ao mesmo tempo, eu tinha uma falta de informação sobre outras culturas diferentes no centro da América Latina. Por isso, estou usando meu programa, meu podcast, para fazer essa grande conversa com outras latinas aqui, mas especificamente na diáspora, para tentar construir uma nova narrativa sobre nós. E encontrei uma maneira de fazer isso com os artistas de hoje e de amanhã. Acho que eles estão construindo os songbooks e escrevendo as histórias. Portanto, estou muito concentrada em me conectar com o movimento feminista internacional também por meio da música. Isso

fez parte do meu ativismo na América do Sul e no meu período no México.

Albina: E acho esse movimento super inspirador para fazer o trabalho que faço, que basicamente é guiar as pessoas por meio da música e tocar canções que talvez lhes tragam uma lembrança ou que talvez estejam construindo uma lembrança com aquela música, e essa é a magia do rádio para mim. Portanto, meu trabalho está especificamente na KEXP no momento, mas também estou nas ondas do rádio. Então, se quiser ouvir parte da minha história, é toda segunda-feira, das 19h às 22h, horário do Pacífico, na KEXP, e, é isso aí, só gostaria de dizer que... Vou concluir com isso, mais uma vez, dizendo que sou muito grata. Muito obrigada, Sarah, por pensar em mim, porque com essas ações, podemos construir conversas diferentes nesse tipo de espaço. Portanto, sou muito grata e agradeço muito a você. Então é isso...

[aplausos]

Monica: Agora é a sua vez.

[risadas]

Jonathan: Muito bem. Sim, sinto que não estou mais nervoso. Então, saí do Brasil aos 15 anos e fui uma das muitas crianças que participaram de programas de extensão de dança e carrego isso comigo, o que foi muito importante em todos os lugares para onde fui. Então, começar a dançar na Inglaterra foi muito importante porque eu realmente entendi a importância da comunidade. Era tão multicultural. Pude realmente me conectar com diferentes grupos latinos, como colombianos, mexicanos, cubanos e, na verdade, foi assim que aprendi a falar espanhol. E é muito importante para mim continuar a compartilhar histórias. Acho muito valiosas as histórias das pessoas porque é assim que você se interessa. Seja por meio da dança, da música, da comida, da cultura em geral e, infelizmente, tive um contratempo. Me machuquei e foi quando me mudei para os Estados Unidos. E fui recebido por uma grande comunidade latina em Miami. Mas depois continuei a me mudar e fui para Toronto, como disse antes, Boston etc. e, de alguma forma, me senti bastante desconectado da minha cultura.

Jonathan: Não somente da cultura brasileira, pois era difícil encontrar brasileiros em certas comunidades e lugares. Eu não via muitos deles, então era difícil me conectar. Era difícil até mesmo para mim ser eu mesmo. Assim, nos três anos seguintes de minha vida, eu me tornei muito quieto, o que não é o caso hoje em dia [risos], mas eu era muito quieto e não conseguia falar, não conseguia me expressar e, de alguma forma, não me sentia seguro. E foi só quando me mudei para Oklahoma City que encontrei um grupo de latinos, e eles eram tão determinados e destemidos na forma de se manifestar. Foi então que desenvolvi a paixão de, mais uma vez, me conectar com as pessoas, conversar com elas, entender suas histórias e compreender o valor da diversidade, que realmente informa como um indivíduo fala ou se comporta, sua cultura e também o que é prejudicial para essa cultura. Dessa forma, pude me libertar e continuar a me conectar com as pessoas, que é minha paixão. Adoro me conectar com

as pessoas, construir pontes e comunidades. E é isso que faço nas horas vagas, quando não estou dançando.

Jonathan: Em Oklahoma City, um grupo de jovens latinos acabou de montar um grupo chamado Latinx Landia e começamos a construir a comunidade por meio de programas de dança. E vimos uma grande diferença em nossa comunidade. Houve um impacto enorme na vida das pessoas por meio da dança, certo? Foi quando também me mudei para Seattle. E não tenho um grupo aqui, ainda trabalho com o grupo de Oklahoma City. No entanto, continuei a desenvolver minha paixão, e foi quando me envolvi com a arrecadação de fundos para construir escolas no Rio de Janeiro, Brasil. Como eu disse antes, vim de um programa de extensão de dança, que foi instalado na Cidade de Deus, uma pequena favela no Rio de Janeiro. E eu diria que, em 22 dias, fizemos uma campanha de arrecadação de fundos, uma GoFundMe, e conseguimos atingir uma meta e, mais uma vez, dar a oportunidade para que as crianças construíssem suas próprias histórias, assim como eu construí a minha uma vez. E essa é a importância de literalmente se conectar com as pessoas, ser latino e ser destemido. Há algo sobre ser brasileiro que eu adoro, e não sei se temos brasileiros aqui hoje, mas há uma frase que temos: “O brasileiro nunca desiste”. E, de alguma forma, sorrimos diante dos desafios e é isso que eu sou hoje. Veja, estou sorrindo mesmo estando nervoso hoje. Não sei o que está acontecendo.

[risadas]

Jonathan: Sabe, eu costumo falar muito. Mas, sim, isso se tornou muito importante para mim, conectar-me com as pessoas. E ontem eu tive, eu diria, minha primeira oportunidade de realmente me conectar com a comunidade latina no El Centro de la Raza. Sim. Gala. Ontem e foi fantástico. Pude me conectar com muitas pessoas latinas e, mais uma vez, apenas ouvir suas histórias, que incluem suas lutas, seus sucessos, seus passos, como chegaram aos Estados Unidos. Eles imigraram, construíram a si mesmos sozinhos, etc. Então, conectar com os outros é minha paixão, e foi isso que o Brasil realmente me ensinou. Hoje sou dançarina, mas adoro música. Adoro comida e falo sobre isso o tempo todo. Acho que Yuki [Takahashi] sabe. Eu sempre digo: “Yuki, você gostaria de tomar uma caipirinha comigo?”. Que é um dos nossos coquetéis, que fazemos no Brasil. Também costumo levar meus amigos a restaurantes brasileiros. Mas sim, é isso.

[aplausos]

Monica: Todos eles estão dentro do prazo, incrível. Muito bom.

Sarah-Gabrielle: Isso foi incrível. Acho que, para mim, a representação sempre foi muito importante no balé. E tive muita sorte porque, quando entrei para esta companhia, eu tinha Karel Cruz e Lindsay Dec, bailarinos principais aqui, Karel é cubano, e Lindsay também é mexicana-americana, então isso foi muito bom. Mas quando eles se foram, eles eram meio que nossos únicos representantes. Então, fiz disso minha missão, queria ser isso aqui. E acho que o que vocês viram hoje é que somos muitos

agora. Não são apenas dois, temos... E isso ocorre em todos os níveis. E, sim, acho que isso é muito bonito, simples assim, ter essa responsabilidade dentro de uma companhia de balé.

Jonathan: Posso acrescentar algo mais?

Sarah-Gabrielle: Claro.

Jonathan: Sim. E acho que, voltando ao que eu estava dizendo, isso apenas cria um ambiente seguro para que você entenda que pode ser você mesmo. E não é só isso: quando vamos até a comunidade, eles podem ver algumas fotos nossas. Se você for às apresentações no McCaw Hall, verá nossas fotos em todo o vidro do McCaw Hall, e poderá realmente sentir a representação ali. E uma das coisas que eu entendia quando era mais jovem era que eu entendia que meu sonho se tornaria possível porque eu via a manifestação dos meus sonhos naquelas fotos. Vi a manifestação de meus sonhos na Inglaterra quando vi Carlos Acosta se apresentar pela primeira vez. Portanto, ser isso hoje em dia e entender que a influência levou 10, 15 anos, é muito importante porque agora somos a geração que está na vanguarda, certo? E, sei lá, estabelecendo a base ou o alicerce e dando as boas-vindas à nova geração a este edifício, ocupando lugares como este, que eram eurocêntricos, como o Balé ou determinados espaços. Portanto, é muito importante ter esse grupo aqui. Sou grato por estar aqui com vocês.

[aplausos]

Monica: Obrigada.

Luna: Devo dizer que ter meus dançarinos neste espaço tem sido... Eles estavam muito nervosos e tê-los aqui, eu acho, também é muito importante, porque acho que às vezes acontece de ser colocado no local errado, em determinados espaços aos quais eles acham que pertencem. Eu diria que o folclore é uma forma de arte muito comunitária, inerentemente, e acho que Joyas Mestizas [e] Bronze, especialmente para a minha família, foi realmente usado como uma forma de sobrevivência, porque, novamente, não tínhamos nossa família aqui e, portanto, esse foi um dos únicos lugares em que pudemos nos conectar com outras famílias que se parecem conosco e realmente viver em nossa comunidade... Tipo, viver em comunidade. E há algo a ser dito sobre estar cercado por mulheres que eu sei que vão cuidar de mim [risos], ou que vão cuidar de seus filhos, coisas assim. A outra parte, acho que a outra parte também, Joyas Mestizas, ou Folklorico em geral, como uma mulher que se considera mexicana, mas às vezes não é considerada mexicana o suficiente, ou uma mulher que se considera americana, mas quando as pessoas olham para mim, elas dizem: "Não sei".

Luna: Viver nesse espaço intermediário pode ser muito difícil, e o Folklorico, para mim, novamente, me enraizou tão fortemente em minha cultura, em quem eu era e de onde minha família vinha, que não importava o que acontecesse, ninguém poderia

mentir para mim sobre minha origem, porque eu sabia que era linda. E o Folklórico realmente me consolidou nisso e me ajudou a sobreviver, eu acho, em espaços muito brancos, porque, novamente, fui muito bem ensinada e estava realmente ciente de que consegui tudo isso porque os membros da comunidade doaram seu tempo e talento livremente, e acho que os professores de Folklórico, em geral, tendem a ser professores muito generosos. Eles querem que a forma de arte sobreviva, querem que a forma de arte floresça. Temos tido muita sorte, Bronze tem tido, de ter professores vindos do México que ensinam de forma incrivelmente livre, e eles ficam muito felizes que os mexicanos daqui estejam fazendo o trabalho. Eles dizem: “Não entendemos por que vocês estão fazendo isso aqui de cima”. E, mais uma vez, temos a experiência de dizer: “Não, não, não, vocês não entendem. Nós precisamos disso. Precisamos disso. Nós gostamos... Nós adoramos”. A outra parte é que o Folklórico também é ensinado nas escolas mexicanas como educação obrigatória, de uma forma que não é feita aqui nos Estados Unidos.

Luna: Então, é algo que nos conecta, literalmente, aos mexicanos, ao grupo no México. Muitas pessoas vêm até nós e dizem: “Oh, meu Deus, costumávamos fazer isso quando eu era jovem”. E isso é algo que eles não precisavam pagar como parte de sua educação, e é por isso que tenho muita, muita vontade de ter esse programa aqui no noroeste. Fico muito animado quando vejo outros grupos de jovens começando e florescendo, porque isso significa que temos uma comunidade para sustentar esse tipo de trabalho. Portanto, o Folklórico, mais uma vez, tem sido a alegria da minha vida. E fiz da minha missão garantir que o maior número possível de jovens tenha isso, a mesma coisa que eu tive, ainda tenha isso. E eu diria que minha outra coisa é garantir que eles tenham um grupo de adultos no qual possam participar. O Bronze tem sido, novamente, uma comunidade na qual pude me apoiar e prosperar. Por isso, também sou grato.

Luna: Sim. Também há muita comida envolvida em nossa atividade [risos], devo dizer. Outra coisa que eu realmente gosto de transmitir aos meus alunos é a diversidade do México. Não é um... É incrivelmente diverso. E nosso folclore e nossas danças refletem isso. Mas a comida não é a mesma em todos os lugares. A música não é a mesma. O clima não é o mesmo. As pessoas não são as mesmas. Portanto, acho que uma das coisas que realmente tento fazer com que meus alunos entendam é, novamente, “O lugar de onde você vem é lindo e diverso, e ninguém pode mentir para você sobre isso”. Sim.

[aplausos]

Monica: Sim [risos] Uau. Que legal. Muito obrigada a cada um de vocês. Acho que algo que realmente me impactou foi a declaração de Albina, tipo: “Minha voz é meu poder”. E acho que todos nós passamos por isso. Não foi só o Jonathan que disse: “Perdi minha voz”, ou “Não tinha voz”, ou “Fiquei quieto”, certo? E somente quando ele conseguiu se sentir seguro e começou a se conectar e a se comunicar novamente, abriu espaço para que as crianças também falassem. E acho que todos nós descobrimos o valor de ter uma voz, seja por meio da dança, seja por meio da

música, sendo... Falando. E alguém também mencionou o fato de estarmos em espaços como esses, onde normalmente alguns públicos não têm acesso a aprender conosco, porque a comunidade tem muito conhecimento. Nós temos muito conhecimento que também podemos oferecer em espaços como esses. E, a propósito, isso é como um comercial.

Monica: Mas o MAS, Movimiento Afrolatino Seattle, falando sobre romper espaços ou estar em espaços que normalmente não são criados para nós, fará um show incrível no Benaroya Hall. Sim. Por favor, marquem em seus calendários sexta-feira, 1º de dezembro [2023]. Grande concerto com música e dança cubana, Cuba, Porto Rico, Brasil, Peru, México, Panamá, etc., etc., etc.

Monica: De qualquer forma, temos tempo porque você esteve sem tempo. Isso é bom. Isso é maravilhoso.

Luna: Posso acrescentar algo bem rápido? Pode ser??

Monica: Ahm?

Luna: Posso acrescentar algo?

Monica: Claro.

Luna: Muito rápido. Se vocês estiverem livres no dia 25 de outubro [2023], o Bailadores de Bronze fará o show do nosso 50º aniversário no Moore, e vocês estão todos convidados. Certo, obrigada. Até mais.

Monica: Então, outra pergunta que vou abrir, e quem quiser responder, é só pegar o microfone. Desafios, certo? Oh, meu Deus. Desafios. Quais desafios vocês já enfrentaram ou superaram em seu trabalho? Alguém gostaria de começar ou compartilhar?

Albina: Levei cerca de quatro anos para encontrar uma comunidade e me identifico muito com o que você disse sobre perder a voz e se sentir tímido para se comunicar e se expressar. Lembro-me de estar em minha casa e não querer sair, porque é um esforço que você e a pessoa que está à sua frente têm de fazer juntos, é um esforço comunitário para se comunicar e criar uma comunidade. Não é que você vá dizer: "Ok, agora eu decidi criar uma comunidade, e a comunidade estará lá". Não [risos], não é assim que acontece, é como você tem de construí-la, mas também a comunidade precisa estar aberta para recebê-lo. E isso foi, a parte do acolhimento, foi algo muito difícil de encontrar. Não, porque não está aqui, só porque talvez demore um pouco mais.

Albina: É claro que sou do, não, não sou do... Sou do deserto, mas tenho vivido, eu estava vivendo, desculpe, por 12 anos em uma cidade grande. Portanto, a dinâmica é completamente diferente. Foi muito difícil para mim entender e me

encontrar no meio. Então, é claro, um pouco de xenofobia por ser novo, por não ser daqui. Portanto, você não sabe como é essa comunidade. Você não sabe como você não bueno [a comunidade]... Então, e em algum ponto isso é verdade, [risos] porque sou novo e tenho de aprender isso. Mas você também precisa de pessoas da comunidade para guiá-lo nesse processo, é novamente um esforço da comunidade. E, com base nisso, com esse desafio que muitas pessoas como eu encontraram aqui, começamos um coletivo, somos cerca de 35 imigrantes, como artistas, DJs, criadores, que estão literalmente tentando se reunir mensalmente e tentando começar a se conectar com outras organizações aqui em Seattle.

Albina: Acho que o tempo em si também é um desafio, sentir e ver que o tempo... Você disse que um dia acordou e decidiu: “Ah, não, não vou voltar para o Peru”. E acho que estou passando por esse momento agora. É como se eu dissesse: “Oh, meu Deus, não sei se vou voltar para a Argentina”. Não porque eu não queira, ou não goste de meu país. Não, é porque você está começando a sentir que este é seu novo lar e isso é normal. É tão, novamente, complexo. Mas quero encerrar essa ideia de que os desafios se tornam oportunidades em algum momento. Não, como, aquele desafio de perder minha voz, de me sentir um pouco tímido, com o tempo, você sabe, “planta las amisa” [isso] e você pode ver as flores, você sabe, “la siembre, la cosecha” [aquilo]. Então, sim. Desculpe-me. Até mais.

[risos]

Monica: Não, não, não.

Luna: Tempo. Meu desafio é o tempo. E eu também tenho um emprego de tempo integral. Isso eu faço. Portanto, faço uma coisa por dinheiro e essa é a coisa que faço porque amo. Acho que é sempre o tempo. E todos em Joyas e Bronze são completamente... São todos voluntários. Todos nós fazemos isso porque amamos. E acho que, às vezes, realmente é preciso muita gente e dedicação. E sou incrivelmente grato por isso. Mas, sinceramente, isso para nós e para o trabalho que fazemos é apenas tempo. Você tem razão. Tempo [risos] Sim.

Jonathan: Sim. Os desafios, eu diria, bem, eu direi, falarei sobre a solução. Realmente é preciso uma aldeia para que você se abra, para que comece a se construir primeiro, encha sua taça e depois possa servir. Isso é uma coisa que aprendi desde cedo. Às vezes, adoro assistir ao YouTube [risos] e digo às pessoas: “Sabe, aprendi isso com Will Smith, acho que ele disse que sua vida ficará melhor se viver uma vida de serviço”. E havia tantos lugares onde eu chegava e me sentia como se fosse um pioneiro. E não havia brasileiros ou pessoas latinas. Então, é um momento em que você se sente completamente perdido. E acho que uma das coisas que tive de começar a aprender foi a me comunicar de verdade, e para apenas se expressar, mesmo que seja um pouco, no entanto, é preciso uma aldeia.

Jonathan: É um amigo, é um mentor, é um professor, é um diretor de ensaio, é o seu diretor. São muitas pessoas. E também é um trabalho que temos de

fazer dentro de nós mesmos, para nos abirmos um pouco, e não estou dizendo: “Ei, este é Jonathan Batista, uau”. Foi preciso muito trabalho para que eu estivesse aqui hoje e pudesse falar ao microfone. Acho que vocês viram isso, eu estava muito nervoso, mal conseguia respirar. Não sabia como as palavras estavam saindo. Mas agora estou falando e, sim, é preciso uma aldeia, é preciso a comunidade, é preciso pessoas que estejam dispostas a se conectar. Há tantas pessoas. Acho que há histórias para as quais construímos, dentro das nossas cabeças.

Jonathan: É do tipo: “Oh, meu Deus, posso falar com você? Posso dizer oi?” E talvez você receba um não, “Não”, e tudo bem, “Próximo. Obrigado. Próximo.” E você continua a partir daí. Mas é uma coisa muito bonita quando você encontra sua comunidade e consegue realmente se resgatar de algum lugar, se encontrar e continuar a construir. E então... E isso é uma coisa linda sobre a cultura também, porque há muitas semelhanças entre ser brasileiro, mexicano, colombiano. Compartilhamos ritmos, compartilhamos valores, “Isso é o que comemos em casa. Isso é o que assistimos na TV”. Por exemplo, El Chavo del Ocho.

Jonathan: Oh, meu Deus [risos] Eu assisti isso em português quando estava crescendo. Ou Laos... Oh, espere. Oh, ok. Oh, desculpe. Eu só ia perguntar se essa era uma boa palavra para dizer *La Usurpadora*, você conhece as novelas. É. Então, nós... Certo? Então, podemos nos conectar a partir daí. Veja, é isso que estou dizendo. Então, compartilhamos semelhanças e nos sentimos confortáveis uns com os outros, e então as paredes começam a se romper, e é assim que vamos. Portanto, sim, comunique-se e entre na comunidade. Sou grato por ter sido convidado para o baile de gala de ontem. Foi uma celebração cultural muito bonita, com música, dança, comida, sim, comida. É. Bem, e as pessoas, é claro. Obrigado.

Monica: Obrigada. Você gostaria de compartilhar?

Sarah-Gabrielle: Claro. Acho que por muito tempo, um desafio para mim foi tentar me encaixar em um molde muito específico na vida, no balé. Essa ideia do que eu achava que tinha de ser para me encaixar. E acho que assim que parei de fazer isso, foi quando realmente saí da minha concha, encontrei minha comunidade e isso realmente mudou minha vida. Assim que me conectei a essa cultura, parei de tentar me encaixar em uma única caixa. É isso..

Monica: Obrigada a todos por essa rodada. Uau. É. Demora... Demorou anos para nos conectarmos. Para nós, não é tão fácil encontrar nosso pessoal e, às vezes, é um processo em que você tem de descobrir como se engajar, onde essa coisa... Na verdade, Luna, você disse algo na pergunta anterior... Respondendo à pergunta anterior sobre essa coisa de estar entre lugares que não são mexicanos o suficiente, não, essa coisa, muitos de nós experimentamos isso. Quando vou ao Peru, as pessoas pensam que sou colombiano porque, de alguma forma, eu aceito, sim, adotei um tipo de sotaque por falar inglês. E é estar num lugar muito desafiador ser essa coisa de não se encaixar mais em lugar nenhum. E todas as coisas que Jonathan disse: “Foram necessárias muitas coisas para eu chegar a este lugar, para chegar aqui

muitas vezes”.

Monica: É importante também estar ciente de que, para muitos de nós, nossos antepassados, todo o trabalho que nossos antepassados fizeram para que estivéssemos aqui, às vezes são gerações e gerações de pessoas que lutaram para que conquistássemos espaços e estivéssemos onde estamos hoje. E, mas quero encerrar essa rodada sobre desafios com o que Albina disse, que os desafios se tornam uma oportunidade. Isso é lindo. Essa é uma maneira muito bonita de pensar nesses desafios. Então, muito obrigada por essa rodada. E temos tempo para perguntas da plateia. Gostaríamos de envolver todos vocês em uma conversa. Obviamente, vocês estão passando uma tarde de domingo aqui. Vocês têm interesse nesse tópico. Obrigada por estarem aqui, por participarem desta conversa e por nos ouvirem. Todos nós precisamos aprender a ouvir mais. Bem, muito obrigada. E eu gostaria de perguntar se você gostaria de fazer uma última rodada com alguma última mensagem que gostaria de... Vejo alguns jovens na plateia, e talvez eles estejam realmente inspirados agora por terem ouvido o que você tem a dizer. Talvez você queira compartilhar uma última mensagem para o público no encerramento.

Jonathan: As damas primeiro [risos] Gostaria de prosseguir?

Sarah-Gabrielle: Obrigada por me receber. Isso foi maravilhoso. Então, obrigada a vocês. Meus alunos de jazz, muito, muito animados para dançar. Muito obrigada a vocês.

Albina: Muito obrigada. E, por favor, sejam sempre abertos e bem-vindos e sejam gentis com os outros. Nunca sabemos a história e o histórico da pessoa que está à sua frente. Portanto, aproveite a música e movimente seu corpo. Ambas as coisas farão com que você se sinta melhor. Obrigada.

Jonathan: Eu diria para você ir atrás de seus sonhos e não deixar de aproveitar a jornada.

Sarah-Gabrielle: Quero dizer, eu também diria apenas que você sabe quem somos agora. Se precisar dessa comunidade, se precisar dessa orientação, estamos aqui. Somos muito acessíveis.

Monica: E minha mensagem é para que permaneçam conectados. Neste momento, estamos vivendo uma pós-pandemia. Sabe, estamos sofrendo com o isolamento e a solidão.

Monica: E as artes são uma plataforma realmente poderosa que conecta as comunidades. Portanto, há muita coisa acontecendo nesta bela cidade. Sinto-me afortunado por viver em um lugar onde as artes estão por toda parte ao nosso redor.

Monica: Então, há muitas oportunidades de se manter conectado e de conversar também. E quero agradecer novamente ao comitê IDEA do Pacific Northwest

Ballet por realizar este evento. E por me convidar e nos convidar para uma conversa. E obrigada a todos vocês por estarem aqui hoje. E aproveitem o resto de sua tarde. Muito obrigada.

Albina: E, por favor, um grande abraço à Monica, por ser uma excelente moderadora. Muito obrigada.

Monica: Obrigada. Obrigada.

[conversa de fundo